

## Porque é que decidiu candidatar-se a reitor da Universidade de Coimbra?

AMILCAR FALCÃO | *Mais rápido, mais alto, mais forte*

Basicamente, porque muitas pessoas perguntavam se ia candidatar-me ou não e eu costumava brincar a dizer que havia uma boa razão para ser candidato e uma boa razão para não ser candidato. A boa razão para ser candidato é que conheço muito bem a UC e os desafios que estão pela frente. A boa razão para não ser candidato é que conheço muito bem a UC e os desafios que estão pela frente. Sempre brinquei um pouco com isso, até ao momento em que tive de tomar uma decisão.

E a decisão baseou-se nas circunstâncias em que eu olhava para a universidade, para o futuro da universidade, para aquilo que tinha sido feito, para aquilo que serão os próximos quatro anos e, embora estejamos num momento eleitoral para candidato a reitor do quadriénio 2019-23, a verdade é que a universidade não pode viver em ciclos de quatro anos – tem que pensar muito mais para a frente. E foi, justamente, por esse olhar mais para a frente, que entendi que devia colocar a minha experiência ao serviço da universidade. Sou uma pessoa que encara as missões com um espírito institucional muito forte, muito marcado e entendi que, se eu vier a ser eleito reitor, no dia a seguir estaremos a trabalhar, e conheço os serviços, a administração, os professores, os investigadores... Portanto, tenho uma maneira muito rápida de poder agir e atuar. Eu creio que universidade fez um trajeto, nestes últimos oito anos, que é positivo – não é tudo positivo, mas acho que em muitas áreas fizemos um trabalho bastante importante. Mas aquilo que é a afirmação da universidade a nível local, regional e depois, conseqüentemente, a nível internacional, não se compadece com um próximo mandato que não seja bastante forte e bastante ativo. Os próximos quatro anos vão ser decisivos para universidade porque vamos enfrentar uma alteração do quadro comunitário, vamos enfrentar a alteração do quadro de financiamento europeu a nível de investigação e inovação, vamos ter os resultados da avaliação das unidades de investigação, a implementação do roteiro de infraestrutura, um conjunto de matérias que vêm de trás... E, aqui, já tenho a experiência de saber como é que aconteceu no período anterior e sei que o impacto é grande na forma de funcionamento da universidade. Enfim, creio que estarei, talvez, mais bem preparado que os meus colegas para enfrentar e ultrapassar esses desafios. Conheço-os, sei como devo agir e, se for eleito, agirei em conformidade e penso que isso será positivo para a universidade.

ERNESTO COSTA | *Mudar o futuro*

Acho que por uma questão de cidadania. Ao longo de seis anos fui, não apenas um comentador da situação da universidade, mas também um ator. Como membro do Conselho Geral, questioneei várias vezes o caminho que estava a ser seguido, apresentei propostas alternativas e, chegado o momento de renovar a equipa reitoral e o reitor, achei que tinha obrigação de apresentar uma candidatura que eu penso que é diferente das outras, com uma ideia muito clara de transformar a UC numa universidade de investigação, que ganhe prestígio internacional e que seja, simultaneamente, inclusiva, mas aberta à sociedade. E para isso eu acho que é preciso mudar. O lema da minha candidatura é “mudar para ganhar o futuro”. Aliás, acho que não é apenas ganhar o futuro: é construirmos o futuro para não sermos surpreendidos por ele. A ideia, basicamente, passa por isso – transformar a universidade com um conjunto mudanças que – acredito –, vão transformar a UC numa universidade mais forte, melhor, mais internacional, mais conhecida.

JOSÉ PAIVA | *Honrar o passado, enfrentar o presente, projetar o futuro*

Porque, basicamente, a minha experiência de diretor da Faculdade de Letras mostrou-me que uma pessoa empenhada, com ideias novas para uma instituição e com capacidade para mobilizar as pessoas consegue transformar uma instituição ou ajudar a transformar uma instituição. Creio que conheço bem a universidade e que tenho um programa que é o programa adequado para os desafios que a universidade vai enfrentar nos próximos tempos. E tomei esta decisão de candidatar-me a reitor, sobretudo, porque acho que sou capaz de o levar à prática.

## Um desses desafios é o declínio demográfico. Como é que se pensa enfrentá-lo?

AMILCAR FALCÃO | *Mais rápido, mais alto, mais forte*

Há, claramente, um declínio demográfico, mas creio que, muitas vezes, esse declínio demográfico tem sido chamado à coação por excesso. Não podemos fingir que ele não existe, não podemos trabalhar não pensando que ele está aí, mas eu acho que o nosso maior problema não é o declínio demográfico, é a atratividade.

Nós temos que cuidar muito bem da universidade no sentido de termos mais atratividade para todos: para os estudantes, mas também para os investigadores para virem para cá, e eu creio que temos bons argumentos para aumentar a atratividade, que é um problema sério. Nós sabemos que metade dos estudantes que terminam o secundário não vão para as universidades. E esse valor é muito superior ao declínio demográfico de que estamos a falar. Portanto, se nós formos atrativos e se tivermos mais procura do que oferta, o declínio demográfico é uma coisa com que teremos que viver. A Universidade de Coimbra sempre viveu com uma percentagem elevada de estudantes que não são de Coimbra: um terço é de Coimbra e os restantes são de fora. Nós temos que ter a capacidade de sermos atrativos para os estudantes, de termos coisas diferenciadoras, oferta pedagógica diferenciadora, ofertas a vários níveis – empreendedorismo, desporto, cultura –, um ecossistema próprio que faça os estudantes dizer “eu quero ir para Coimbra”. Se nós tivermos isso, vamos seguramente ter mais estudantes a quererem vir para Coimbra do que as vagas que temos para oferecer. Portanto, a questão da demografia, não sendo uma coisa que nós podemos ignorar, porque está aí, é um fator que não devemos dramatizar demasiado.

ERNESTO COSTA | *Mudar o futuro*

Sou otimista. Eu acho que, se pensarmos bem, o número de jovens que acede ao ensino superior, a percentagem de jovens que acede ao ensino superior ainda é muito reduzida. Portanto, ainda temos um campo de recrutamento grande à nossa frente. Por outro lado, não posso esquecer que nós queremos ser uma universidade que está no mundo e, por isso, temos a obrigação também de acolher pessoas de outras proveniências. Por isso, a internacionalização por via dos estudantes é uma forma de obviar ao declínio que temos tido de estudantes nacionais. Mas é preocupante.

Eu sou otimista, mas convém também ser realista. Temos vindo a notar que o número de alunos do 1.º ciclo que nos procuram tem vindo a descer e temos compensado isso com mais estudantes internacionais. Mas eu acho que devíamos, não apenas caminhar nesse sentido da internacionalização, mas ter uma política ativa para atrair estudantes. E essa política ativa também tem faltado na Universidade de Coimbra. Não é apenas a dizer “eu quero atrair os melhores alunos para Universidade de Coimbra” - é ter políticas concretas para o fazer. Uma das políticas mais simples para isso é claramente através de bolsas de mérito. Portanto, no caso de eu ser eleito reitor, irei generalizar o princípio das bolsas de mérito por forma a atrair mais estudantes e, sobretudo, melhores estudantes. Essas bolsas podem resolver o problema não apenas da propina, mas também da residência e dos custos com a alimentação. É uma forma. Mas repito: eu não escondo que a demografia não nos é favorável, mas também não é favorável em todo o país. Acho que não é, não deve ser neste momento, visto como a tragédia de curto ou de médio prazo. Estou confiante.

JOSÉ PAIVA | *Honrar o passado, enfrentar o presente, projetar o futuro*

Sim, é um dos desafios que vai, tendencialmente, agravar-se na próxima década. Eu creio que há três respostas que são essenciais para isso. Em primeiro lugar, continuar e intensificar o programa de recrutamento de estudantes internacionais. Isso tem impacto não só para ajudar a resolver o número de estudantes que temos na universidade, mas também para propiciar e potenciar o nível de internacionalização da nossa universidade. Os dados que existem são claros: a tendência de crescimento do número de estudantes no ensino universitário no mundo está, ao contrário daquilo que acontece com o número de portugueses que potencialmente podem entrar para a universidade, em franca ascensão. Portanto, temos uma margem grande de recrutamento. Em segundo lugar, é preciso termos cada vez mais programas de formação ao longo da vida. Hoje, o conhecimento torna-se obsoleto muito rapidamente, os desafios do mercado de trabalho estão em constante alteração e é necessário que as pessoas, ciclicamente e periodicamente, voltem à universidade para atualizar os seus conhecimentos, a sua formação e poderem ir-se adaptando, mais facilmente, às mudanças que estão a acontecer à volta da universidade. Em terceiro lugar, é preciso campanhas também mais incisivas, mais fortes junto das escolas secundárias que são o nosso público-alvo de recrutamento nacional, tendo também a esperança que, por exemplo, algumas das alterações que estão a perspetivar-se, nomeadamente, no que diz respeito a uma redução gradual das propinas possam ajudar mais estudantes que, atualmente por esse obstáculo não conseguem ingressar no ensino superior a virem a ser potenciais candidatos ao ensino superior. Eu diria que é nesses três eixos, fundamentalmente, que creio que se conseguirá resolver o problema.

## Haverá uma redução do valor das propinas? Onde irá a UC conseguir outros financiamentos para suportar a perda dessa receita?

**AMILCAR FALCÃO** | *Mais rápido, mais alto, mais forte*

Acompanho muito a posição que foi tomada pelo nosso Presidente da República. Eu sou do tempo em que não paguei propinas, sou do tempo em que o governo instituiu as propinas e, talvez seja do tempo em que os governos vão retirar novamente as propinas. Eu entendo a luta dos estudantes, acompanho essa reivindicação, no sentido da Constituição, que refere que é um ensino tendencialmente gratuito, acompanho essa reivindicação... Desde que haja a consciência total para todos os atores, incluindo as famílias, o governo, as universidades, de que se não houver propinas tem de haver um envelope compensatório do valor das propinas, não é uma coisa que me incomoda. O que me incomoda, e em qualquer universidade, é se retirarmos as propinas e não tivermos uma compensação em termos financeiros correspondente à retirada desse valor. Porque podem dizer assim: “bom, as propinas valem não sei quantos milhões e não se consegue o envelope financeiro compensatório equivalente exatamente a esse valor. Vocês vivem?” Se calhar vivemos, mas estaremos a degradar o ensino superior e isso é mais um passo na degradação que tem existido nos últimos anos. O subfinanciamento do ensino superior tem sido notório, e se nós continuarmos a tomar medidas que contribuam constantemente para esse subfinanciamento, não há instituição de ensino superior que venha a aguentar a médio longo prazo. Em relação à abolição da propina, temos que perceber para onde é que estamos ir e quais serão as implicações disto. Temos que comparar com outros países, ver como é que outros países funcionam, ver o que é que os outros países dão às universidades em compensação para não haver propinas, perceber também o impacto da parte da ação social que existe. Se calhar reforçá-la seria mais prudente do que abolir as propinas...

É um assunto para ser ponderado, não é o tipo de matéria que se implementa por impulso. Aliás, eu acho que, geralmente, quando tomamos decisões pesadas por impulso, a coisa não funciona bem.

Não tenho, propriamente, nenhuma objeção de fundo, não fico chocado, não fico preocupado com essa medida, é uma decisão do governo da Nação. Não é uma decisão da universidade, embora ache que o CRUP deve manifestar-se sobre esta matéria, tentando perceber o que isso significa, que implicações é que essa medida tem, como é que podemos mitigar esta situação, como é que podemos evoluir... Acho que essa discussão terá que ser longa e terá que ser bem feita, porque o assunto é sério.

**ERNESTO COSTA** | *Mudar o futuro*

Estou muito satisfeito por, finalmente, o problema das propinas ter deixado de ser tabu: o ministro da Ciência e Tecnologia fala nele, o próprio Presidente da República já fala nele e ambos no mesmo sentido: que a propina não seja um elemento inibidor da frequência do ensino superior e é assim que eu vejo o problema. Aliás, o problema pode ser visto de duas formas: posso dizer que sou contra a existência da propina por uma questão de princípio ou posso dizer, de forma muito mais aberta e toda a gente vai concordar, que se eu tiver pessoas mais bem formadas, mais qualificadas, essas pessoas vão para a economia e vão desenvolver o país. Na realidade, ninguém deve ser impedido de aceder ao ensino por razões de natureza económica da propina e se a propina é um elemento que inibe a frequência, então ela não deve existir. No espaço europeu, as coisas mudaram também: há 10 países onde a propina é zero; há um quase país – que é a Escócia –, onde a propina é zero. E, em muitos países de grande dimensão, a propina é meramente significativa (pode ser de 100 euros). Agora, no estado atual, não pode ser uma universidade, unilateralmente, a dizer “os meus estudantes não pagam propinas”. Isto simplesmente não é possível. As propinas na UC representam quase 17 por cento, se calhar já mais, das receitas da universidade, e seria demagogia, loucura, dizer “acabou a propina na Universidade de Coimbra”. Nunca o faria não, não o farei. Por isso, crio que há o do lado política governamental, que vê nas universidades uma forma de contribuir para o desenvolvimento social e económico, e por isso o governo transfere aquilo que as universidades receberiam por via das propinas. Enquanto isso não acontecer, temos que encontrar outro mecanismo. E o outro mecanismo passa por aumentar as receitas próprias da universidade. A Universidade de Coimbra tem três maneiras de aumentar as receitas próprias: tem o turismo, tem a parte das propinas – em particular dos estudantes internacionais – e tem aquilo que recebemos pelos projetos nacionais e europeus e pela prestação de serviços especializados. A política que tem sido seguida, na prática, tem-se traduzido no reforço do que recebemos pelo turismo e pelas propinas de estudantes internacionais e não tanto por aquilo que recebemos através dos projetos de investigação científica e da prestação de serviços especializados. Eu acho que devemos concentrar-nos nesta terceira componente e a partir do momento em que tenhamos uma receita aumentada, posso usar essa receita aumentada que vem dos projetos e de prestação de serviços, para diminuir as propinas. Mas faço isso de maneira sustentada: vou buscar dinheiro a um lado para colocar no outro. E isso, uma vez mais, é uma necessidade não apenas da universidade. de ter mais alunos.

**JOSÉ PAIVA** | *Honrar o passado, enfrentar o presente, projetar o futuro*

Diria que, do ponto de vista teórico, encaro essa medida como positiva. Naturalmente que, havendo recursos nacionais num país para isso, tal faz todo sentido. É que a formação dos jovens no ensino superior traz a longo prazo dividendos muito grandes para a comunidade, sendo importante impedir que essa barreira dificulte o acesso ao ensino superior a um conjunto de jovens. Enquanto, neste momento, diretor de uma Faculdade de Letras, mas que conhece bem o modo como nos últimos tempos tem assistido a um subfinanciamento do ensino superior, tenho algum receio que, em termos práticos, uma medida dessas possa não ter a devida compensação financeira por parte do Orçamento Geral do Estado e que venha a pedir-se às instituições de ensino superior que sejam elas arcar com as responsabilidades de encontrar meios alternativos para o seu financiamento. Eu diria que, no quadro que atualmente está criado, noto isso como uma impossibilidade. Atualmente, no orçamento da nossa universidade, cerca de 16 a 17 por cento do orçamento do ponto de vista da receita é composto por propinas – uma parte delas tem a ver, sobretudo, com essas propinas que agora se diz que se vão reduzir, que andarão em torno do aumento dos seis milhões de euros no caso da Universidade de Coimbra. Se não houver uma compensação do Estado para isso, eu creio que a medida vai colocar em risco a vida das instituições de ensino superior em Portugal. Mas espero que isso possa concretizar-se, sobretudo – repito – se houver o entendimento da parte do governo, deste e daqueles que o vierem a suceder, de que o país tem meios para acudir a este problema e a muitos outros que nós temos que enfrentar.

O CRUP falou recentemente da “estagnação” que afetou o setor na última década, mas universidades foram conseguindo gerar receitas próprias. Como é que pensa fazer isso caso vença eleições?

**AMILCAR FALCÃO** | *Mais rápido, mais alto, mais forte*

A capacidade para gerar receitas próprias é fundamental para o desenvolvimento da UC, num quadro de subfinanciamento crónico por parte do Estado. Por essa razão temos de procurar soluções que nos tragam receitas adicionais. Tal pode ser conseguido conjugando diversas medidas, sendo que o incentivo ao aumento da qualidade de produção científica arrastará consigo mais projetos, melhores projetos, mais financiamento, e mais parcerias com o tecido empresarial. Creio que há um espaço ainda bastante grande ao nível da relação com as empresas, há um espaço bastante grande em relação aos antigos estudantes e temos que continuar a melhorar e a procurar ter mais apoio para quem faz projetos de investigação, projetos com as empresas, para podermos ter mais financiamento e, a partir daí, conseguir que a UC avance nesse sentido de ter mais receitas próprias. Creio que temos uma margem de crescimento ainda muito interessante nessa matéria. Temos que explorar melhor algumas áreas que não foram exploradas como é o caso da comunicação, da imagem, da marca UC, mas creio que, com um conjunto de medidas, podemos melhorar ainda bastante, mas bastante, a nossa capacidade de criar receitas próprias. Mas, se é verdade que temos de angariar mais receitas, por outro lado temos de reduzir os gastos gerais de funcionamento da UC. Estou certo de que isso se consegue com uma planificação adequada, eliminação de redundâncias e diminuição da burocracia. A descentralização de alguns processos administrativos para as unidades orgânicas trará, certamente, ganhos de eficiência.

**ERNESTO COSTA** | *Mudar o futuro*

A resposta está um pouco já dada. Eu candidato-me para transformar a universidade numa universidade de investigação. E uma universidade de investigação é aquela que promove a investigação. Mas é preciso um instrumento que não tem existido. E isso talvez seja o elemento que distingue a minha candidatura das restantes. Nós temos uma unidade de ensino e investigação chamada Instituto de Investigação Interdisciplinar (III), que eu quero transformar em Instituto de Investigação e Inovação e ser o instrumento que coordena e que integra a toda a investigação da universidade, coisa que não tem sido feita. Os resultados que temos tido na investigação, que nalgumas áreas são excelentes, resultam de iniciativas dos investigadores, dos grupos de investigação, dos centros de investigação, das associações privadas sem fins lucrativos como o Centro de Estudos Sociais e o Centro de Neurociências e Biologia Celular, mas não há uma efetiva coordenação de investigação e eu quero fazê-lo e quero criar um instrumento que é o III renovado e conseguir, pela coordenação e pela integração, chegar a um todo que é maior do que a soma das suas partes. E isso é que é urgente que seja feito. Não podemos continuar a perder oportunidades, eu disse-o quando me apresentei que a universidade tem sido campeã nas oportunidades perdidas. Não podemos continuar a perder as oportunidades, mantendo apenas a nossa salvação na capacidade de cada um e de cada uma produzirem investigação de excelência. O processo não pode ser só de baixo para cima, tem que ser também de cima para baixo e, portanto, o reitor e a sua equipa têm obrigação de definir uma estratégia coordenada de investigação e ter um instrumento para fazer. No meu caso, é um Instituto de Investigação e Inovação.

**JOSÉ PAIVA** | *Honrar o passado, enfrentar o presente, projetar o futuro*

Creio que há dois ou três aspetos que são decisivos. Por um lado, é necessário travarem-se alguns combates para evitar a tendência a que se tem verificado nos últimos 10 anos pelo menos de redução do financiamento de ensino superior. Portanto é necessário que nas diversas instâncias em que universidade participa, com contactos multilaterais com diversos órgãos, nós sejamos capazes – quando digo nós falo da Universidade de Coimbra e naturalmente todas as outras instituições de ensino superior – de encontrar num clima de diálogo mecanismos que permitam que o Orçamento Geral do Estado passa a contribuir de modo mais decisivo para a vida das universidades. E depois nós temos que arranjar meios próprios como temos vindo a fazer nos últimos tempos. Há pouco já lhe falei do estudante internacional. Creio que essa continuará a ser nos próximos tempos uma importante fonte, também, de financiamento da vida da nossa universidade. Aliás, nesse plano, a Universidade de Coimbra tem tido um comportamento particularmente interessante no contexto das outras instituições de ensino superior em Portugal. Depois, há dois outros vetores que creio que continuarão a ser decisivos do ponto de vista de financiamento da própria instituição: por um lado, a investigação que vamos fazendo e a nossa capacidade, através de candidaturas a financiamento competitivo quer nacionais, quer sobretudo internacionais – nos próximos tempos vamos ter novos desafios, novos programas e isso é absolutamente decisivo para a vida das universidades hoje. Depois, através da realização da prestação de serviços e de um maior envolvimento com a vida da comunidade, com a vida da região através da translação de conhecimento que é aqui criado e que pode ser aplicado para o desenvolvimento da cidade e da região e que pode ter também dividendos do ponto de vista material. Portanto, a universidade tem que ter também uma corresponsabilização no seu próprio financiamento: não podemos ficar à espera, apesar de sermos uma universidade pública e devermos preservar esse estatuto, isso não significa que não devamos também ser corresponsabilizados na busca de financiamento para tornar a universidade, não só cada vez mais funcional, como ter meios de autossustentação.

## Concorda com este processo de eleição de reitor?

**AMILCAR FALCÃO** | *Mais rápido, mais alto, mais forte*

Eu sou uma pessoa muito pragmática e, nestas coisas, a questão do concordar ou não concordar não faz muito sentido: é o que está. Mas alinho muito numa ideia que foi uma vez transmitida pelo nosso anterior reitor, o professor Fernando Seabra Santos. Ele dizia uma coisa com a qual concordo: o Conselho Geral é um órgão de governo muito relevante da universidade, mas é um órgão de governo demasiado grande para tomar certas decisões e demasiado pequeno para eleger um reitor". Penso que foi um pensamento que exprimi para a comunidade académica e que tem todo o sentido.

**ERNESTO COSTA** | *Mudar o futuro*

Não. Uma das coisas que me surpreende nos meus colegas também candidatos é que, aparentemente, estão satisfeitos com Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES). Um deles fala só que é preciso umas afinações. Eu acho que é preciso muito mais do que isso. É preciso alterar o regime jurídico e uma das razões para alterar também tem que ver com a eleição do reitor. Eu acho que devemos devolver à comunidade universitária a responsabilidade de eleger o reitor, não deve ser um colégio restrito de 35 membros que devem eleger o reitor. Não digo isto por haver elementos externos no Conselho Geral. Digo isto porque acho que deve ser a comunidade universitária a eleger. Já foi assim no passado e acho que deve ser assim. Para já, porque liberta o Conselho Geral para outras atividades bem mais importantes: aquelas que se prendem com a definição da estratégia, preocupações que o orçamento – concentram-se nisso e não estão concentrados, como estão agora, em todo o processo de eleição do reitor. Repito: num colégio tão restrito com 35 membros, o reitor, tendo toda a legitimidade democrática – é eleito de acordo com as regras –, terá seguramente uma legitimidade acrescida se for eleito por um colégio amplo, por uma assembleia da universidade como eu defendo. Aliás, essa assembleia de universidade, para além da eleição do reitor, teria outra função que é a eventual revisão dos estatutos – seria uma assembleia que tinha essas duas competências. E isso iria beneficiar muito toda a transparência e toda a participação e tornaria a legitimidade democrática maior, se é que posso expressar-me dessa forma.

**JOSÉ PAIVA** | *Honrar o passado, enfrentar o presente, projetar o futuro*

É claro que um candidato a reitor não deve pronunciar-se sobre isso sobretudo em contexto de eleições, mas eu diria que, em abstrato, parece-me que o facto de a decisão ter de ser tomada por um grupo tão restrito de pessoas não é talvez o melhor processo. Porém, este é o contexto que está criado, é a configuração que está criada e eu não quero nem desculpabilizarme, caso o resultado venha a ser negativo com o facto das eleições terem sido de acordo com determinado modelo, nem quero de maneira nenhuma tentar influenciar as pessoas que vão tomar essa decisão. Agora, creio que há margem no futuro, naturalmente, para tentar encontrar modelos de eleição do reitor que não belisquem evidentemente aquilo que é o Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES) – que é o enquadramento jurídico para esta situação –, mas também não parece que seja dramática a situação. Acho que se houvesse um conjunto de pessoas mais amplo a decidir, talvez se pudessem colher melhor as tendências que existem numa instituição tão complexa como é uma universidade, mas também não me parece que seja um drama a situação que atualmente temos.

## O que é que faltou nos oito anos de mandato de João Gabriel Silva?

AMILCAR FALCÃO | *Mais rápido, mais alto, mais forte*

Eu não sou uma continuidade do professor João Gabriel Silva, não tenho sequer a mesma personalidade, como escrevo no meu programa. Ao longo dos últimos oito anos tivemos sempre as nossas posições e, como deve calcular, quando uma pessoa é reitor e outro é vice-reitor, no final o reitor ganha. E, portanto, nós tivemos algumas divergências de opinião, em algumas matérias. Eu tentei sempre atenuar e, efetivamente, consegui muitas vezes, com argumentos, convencer o reitor a seguir determinados caminhos. Creio que na área dos meus pelouros evoluímos bastante; podíamos ter feito melhor, mas evoluímos bastante: duplicámos, triplicámos ou quadruplicámos os indicadores na área da inovação, da investigação e do desporto – fizemos os Jogos Europeus Universitários e outras coisas... Creio que foi feito um trabalho bom, num ambiente, e do ponto de vista financeiro, terrível (durante a troika), com um subfinanciamento bastante grande. Mas houve algumas áreas onde manifestamente não estivemos tão bem, nomeadamente ao nível dos recursos humanos. As organizações vivem com as pessoas e para as pessoas, não vivem contra as pessoas, e, portanto, acho que a questão dos recursos humanos, a todos os níveis, é fundamental. Temos que ter um diálogo constante, temos que perceber os anseios das pessoas, temos que tentar que haja uma harmonia interna o mais sólida possível e, por outro lado, também há uma coisa que me foi “revoltando” ao longo destes anos, que foi ver outras instituições parceiras, às vezes do nada, a fazerem grandes manchetes nas notícias, e nós, tantas vezes, com coisas tão interessantes, a não conseguir aparecer na comunicação social da forma a que o trabalho dos nossos investigadores, dos estudantes, dos docentes, do nosso corpo técnico, merecia. A universidade deve passar uma imagem moderna, de não estar permanentemente a falar de coisas que, sendo necessárias, não são o foco da nossa missão, como é o meu caso o turismo. Acho muito bem que tenhamos um turismo qualidade, mas temos que cuidar do património. Portanto, há aqui um conjunto de coisas que, ao nível da comunicação, não passou – comunicação interna e externa –, e, em alguns casos, houve comunicação que era escusada. Acho que este é um dos pontos críticos dos oito anos que passámos.

ERNESTO COSTA | *Mudar o futuro*

Eu candidatei-me para ser reitor do futuro e não comentador do reitor do passado. De qualquer modo, não quero deixar de registar que o reitor João Gabriel Silva é o meu reitor, foi meu reitor durante oito anos e é alguém que eu respeito imenso. Não apenas por ser uma figura institucional importante, mas também como colega de departamento com quem partilhei muitas aventuras. Mas para além dessa consideração institucional há também um agradecimento. Ele teve oito anos muito desgastantes da vida dele, que dedicou totalmente à universidade, de alma e coração, procurando fazer o melhor do ponto de vista dele. Portanto, o meu agradecimento e que isso fique claro. Agora é evidente que eu tenho uma visão diferente para a universidade e para a maneira como se governa uma universidade. No plano do seu desenvolvimento, o conceito é universidade de investigação e ele defendia o conceito denominado por universidade global. Proponho um instrumento para conseguir esse objetivo que é o Instituto de Investigação e Inovação. E eu tenho uma visão: as pessoas para mim são algo de muito, muito importante, privilegio uma grande proximidade às pessoas, o diálogo. Sei que, como reitor, seguramente me enganarei algumas vezes, não tenho problemas com isso. Creio que também dentro da lógica de confiar nas pessoas eu creio que as unidades de ensino e investigação, as faculdades, devem ter uma autonomia, quase que diria reforçada, mas portanto devem ter autonomia na sua decisão. Por isso, se quiser, embora não goste de falar muito no passado, há um estilo de governação que é diferente e há um projeto que é diferente em termos de construção da universidade. Dito isto, sei muito bem o que o reitor João Gabriel Silva encontrou a universidade no período difícil de 2011, com a intervenção da troika e grandes dificuldades financeiras. E, ainda assim, conseguiu manter a universidade ao cimo da água. Isso não impede que eu tenha uma visão pouco diferente e uma ideia também diferente para conseguir uma universidade que não só está no futuro, mas como constrói esse futuro.

JOSÉ PAIVA | *Honrar o passado, enfrentar o presente, projetar o futuro*

Eu creio que um candidato a reitor, seja em que circunstância for, não deve estar muito preocupado em publicitar aquilo que pensa acerca do que foi o mandato de um reitor que antecedeu. A Universidade de Coimbra é uma instituição que tem séculos de história, como sabemos, já teve centenas de reitores: uns julgaram coisas melhores, outros julgaram coisas não tão boas, mas sobretudo a todos eles devemos a disponibilidade para terem assumido esses lugares e devemos-lhes o facto de uma instituição como esta ter tido esta longevidade. Eu não tenho dúvidas que o mandato do atual reitor teve também coisas positivas, teve outras coisas que eu não considero tão positivas e creio sobretudo que, com o programa que apresento, com as propostas que apresento será fácil, a quem quiser interpretar e entender isso, verificar que há algumas coisas que eu proponho que, naturalmente, são sequência daquilo que se fez no passado mais recente, mas há outras que, claramente, estão em divergência. Aliás, eu insisto no programa que faço logo no preâmbulo em chamar a atenção para a necessidade de que é preciso inovação, é preciso gerar dinâmicas de mudança na nossa universidade e, talvez, o melhor modo de justificar isso é mostrar que, enquanto diretor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, eu fui capaz de ter dinâmicas de mudança que transformaram verdadeiramente a faculdade em múltiplos planos: desde a sua oferta formativa às políticas científicas que foram seguidas, às dinâmicas pedagógicas que aqui foram implementadas, enfim à capacidade de gerir a instituição de um outro modo que lhe permitisse um equilíbrio financeiro que anteriormente não tinha... Tudo isso são sinais de que o meu posicionamento na instituição é um posicionamento de inovação e, naturalmente, quando se fala em inovação, há sempre aí uma dimensão de mudança.

## O que é que ambiciona para a UC?

**AMILCAR FALCÃO | *Mais rápido, mais alto, mais forte***

Eu visto completamente a camisola da Universidade de Coimbra, por completo, desde sempre. Eu quero o melhor para a UC e ambicionava que a UC fosse líder. Não podemos ser demagogos, porque não seremos a melhor universidade do mundo, nem nas 200 melhores estaremos. Mas eu acho que temos condições para estar, a nível nacional, bem posicionados. Dificilmente poderemos superar Lisboa e Porto, por questões que têm a ver com a lógica de densidade populacional, de número de alunos, de lógicas de política, mas penso que estaremos muito perto delas, poderemos estar a lutar com elas pela melhor instituição portuguesa e creio que temos um papel relevante na lusofonia, que temos que manter e aprofundar. Acredito que, se nós trabalharmos bem, se conseguirmos antecipar o futuro ou se nós construímos o futuro, se deixamos de ser só reativos para sermos proativos, acredito que podemos ganhar peso a nível nacional, peso na nível regional e, consequentemente, ter peso internacional. Devemos olhar para cima e tentar fazer aquilo que é o lema da minha candidatura, que é o lema do ideal olímpico: "mais rápido, mais alto e mais forte". Porque eu acredito firmemente que nós devemos ser mais rápidos, devemos ir mais alto e devemos ser mais fortes.

**ERNESTO COSTA | *Mudar o futuro***

A maior ambição possível: que seja uma universidade reconhecida internacionalmente, pela excelência da sua investigação, pela excelência da formação, pela capacidade de transferir para a sociedade aquilo que de bom se fez no seu interior. Nós não podemos ficar satisfeitos com aquilo que já conseguimos até agora. Temos que conseguir muito e isso mais obriga a mudanças e é para essa mudança que eu que creio que me sinto preparado. Eu tenho mais de 40 anos de dedicação à Universidade de Coimbra, passei por vários lugares de direção, embora saiba que ninguém faz nada sozinho – o reitor não faz nada sozinho – tenho comigo uma equipa muito sólida com competências muito importantes para os vários pelouros que vão ter que assumir. E isso permite uma coisa fundamental: que o reitor não esteja focado naquilo que se designa por micro gestão, que está preocupado com os aspetos globais macro e com a definição de uma estratégia, que acompanhe e coordene essa estratégia. Acho que estou preparado e acredito que, se tiver o voto maioritário do Conselho Geral e for o reitor, serei capaz de transformar a Universidade de Coimbra numa universidade de investigação, voltada para o futuro.

**JOSÉ PAIVA | *Honrar o passado, enfrentar o presente, projetar o futuro***

Ambiciono aquilo que creio que a maior parte das pessoas que estão na universidade ambicionam: que nós continuemos a ser uma universidade de grande projeção e de grande prestígio no mundo, que seja capaz de distinguir cada vez mais pelo alto nível de investigação que aqui se produz e que essa investigação tenha a capacidade, depois, de ser transferida para a comunidade, transferida com uma mais-valia para a comunidade e que tenha impacto no ensino que nós fazemos. Eu creio que essa é a chave de uma grande universidade nos dias de hoje: a capacidade de romper, de estilhaar, em qualquer área, com as fronteiras do conhecimento que temos numa determinada altura, e depois de sermos capazes de oferecer isso aos estudantes que nos procuram e contribuir, num clima que também é de diálogo – porque as universidades hoje já não são os únicos centros produtores de informação e conhecimento no mundo –, para a sua transferência para a comunidade. E, ao mesmo tempo que a nossa universidade, sendo ela uma universidade de prestígio e uma universidade de investigação, também deve ser uma universidade claramente internacional. O mundo universitário de hoje, o mundo da ciência do conhecimento de hoje é um mundode fronteiras alargadas à escala do planeta e é nesse cenário que a universidade tem que estar.